

SAUDAÇÃO AO PROFESSOR PAUL ARBOUSSE-BASTIDE

Elisabete MOKREJS *

Saudação ao Prof. Paul Arbousse-Bastide por ocasião da homenagem que lhe foi prestada a propósito da Comemoração do Cinquentenário da Universidade de São Paulo.

A saudação ao Prof. Paul Arbousse-Bastide, nessa oportunidade, vem revestida de um significado especial, em que a figura do mestre, com os títulos acadêmicos, é indissociável da pessoa aqui presente, cuja história de vida traz a marca de uma singularidade: a congruência.

Tive o privilégio de ser sua aluna, no ano de 1972, no curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação; o tema estudado foi a "não-diretividade na teoria de Carl Rogers". Sua presença altiva e ao mesmo tempo, receptiva, muito cedo desfez os equívocos de que poderia tratar-se de uma teoria com escassas possibilidades na prática pedagógica. O preparo cuidadoso de cada aula, que fazia passar às nossas mãos, já datilografada, era seguido de uma exposição firme e segura de um conteúdo que podia ser traduzido pela vivência. A autenticidade da expressão, ornamentada por legítimos galicismos, vinha acompanhada pelo esquadrinhamento do texto, em que a "mão" de proporções metafísicas, acompanhava as palavras, na sequência rítmica de um sentido já, internamente, elaborado. Era a congruência que se verificava sob a forma de pensamento e a sua harmônica expressão.

Se o tema sugeria particularidades da ciência psicológica, as reflexões do Prof. Bastide, por outro lado, nos conduziram a questionamentos sobre o homem em profundidade, naquilo que diz respeito à sua origem e formação e, especialmente, à sua concepção de liberdade.

Ao longo do curso, desenhava-se o perfil deste professor, que, rigoroso nos fundamentos do tema em questão, nos deixava entrever a profundidade da sua formação.

* Professora Assistente do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação. Faculdade de Educação. USP.

Tendo cursado filosofia na Sorbonne em Paris, em 1928, tornou-se professor Agregée, título obtido em concurso, ao lado de Jean Paul Sartre e Raymond Aron.

Entre os temas que o interessaram nessa época, deteve-se especialmente, no conceito de "Humanismo", com um caráter de totalidade que, na interpretação do homem, vem acrescido de elementos judaico-cristãos ao lado das contribuições greco-romanas.

Era uma nova concepção de humanismo em que a posição e o significado do homem deveriam ultrapassar o sentido de imanência. Se o estudo da condição e das limitações do homem, em si mesmo, lançaram uma luz sobre a sua precariedade, porque não incluir a possibilidade de uma explicação, que incluía a transcendência do concreto e do imediato, sem aderir a valores eternos ou de conotação dogmática? Pois, igualmente dogmático seria conceber, apenas, o humanismo greco-latino que, aí, se reduziria a pouco mais que um mero exercício filológico.

Constituem suas palavras: "certamente, somente o Ocidental se nutriu na civilização cristã. Daí o dever, para o humanismo ocidental ser, ao mesmo tempo, cristão e greco-latino. A ignorância dos fatos bíblicos e evangélicos, nas escolas oficiais, constitui um dos escândalos da nossa cultura".

Sobre o assunto, publicou em 1930, um texto elucidativo intitulado: "Um Humanismo Novo" — onde figuram os depoimentos de intelectuais do mundo acadêmico e religioso da França.

Afeito aos estudos sociológicos, manifestou desejo de conhecer o Brasil, o que se consumou pela mediação de George Dumas, na contratação de professores franceses, para atender ao objetivo de fundar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Assim, em junho de 1934, chegava em Santos, a bordo do "Jamaica", o Prof. Bastide, acompanhado da esposa, Mme. Bertrand e do primeiro filho; os outros quatro filhos nasceram no Brasil. Juntamente com o Prof. Bastide, chegaram os professores Etienne Borne, Robert Garric, Pierre Desfontaines, Emile Coornaert, Michel Bervellier e Pierre Hourcade que formaram o quadro da primeira missão francesa na USP.

Coube-lhe aqui ministrar as aulas de Sociologia e, posteriormente, Ciências Políticas.

As peculiaridades do seu pensamento, consolidadas num modo de atuação muito especial junto aos alunos, sugeriram ao Prof. Fernando de Azevedo convidá-lo para a criação do curso de Metodologia do Ensino Secundário, no Instituto de Educação Caetano

de Campos. O ineditismo dessa disciplina, no contexto da permanência dos professores franceses no Brasil, gerou perplexidade entre os seus colegas, que julgavam incompatível com o filosofar, a tarefa de refletir sobre questões pertinentes à formação de professores do ensino secundário.

O Prof. Bastide aceitou o convite e, do conjunto dessas aulas, no ano de 1935, resultou um livro intitulado: "A Formação do Homem" — texto consultado, recentemente, por educadores brasileiros. Percebemos, nessa atitude, mais um traço de congruência da sua personalidade: a associação do seu pensamento com um modo de agir, em que sobressaiu, nitidamente, uma preocupação concreta com o homem.

Com a chegada do Prof. Roger Bastide em 1938, muitos foram levados a supor que houvesse laços de parentesco entre os dois mestres franceses. Para evitar equívocos no tratamento, ambos foram alvo de menções carinhosas atribuídas pelos colegas, segundo o critério da estatura física: Bastidão foi reservado ao Prof. Arbousse e Bastidinho, ao Prof. Roger Bastide.

Filho de pastor evangélico, o Prof. Arbousse-Bastide revelou na sua formação, o típico espírito de independência intelectual constatado nos protestantes da França, cuja ação, em diferentes momentos da história, se fez sentir contra o autoritarismo. A evidência desse traço, de autonomia verificou-se na permanência do mestre francês no Brasil, notoriamente, nas conferências proferidas na Igreja Presbiteriana e em Associações religiosas nas quais, de forma heterodoxa, discorreu sobre as parábolas do Evangelho. A interpretação pessoal, sobre o assunto e o tratamento de temas como "Ateísmo" e "Desvalorização do Homem na Época Contemporânea" impressionaram, profundamente, a consciência de alguns protestantes do Brasil, formados no sentido de uma interpretação, essencialmente fundamentalista.

A sua primeira permanência de doze anos no Brasil incluiu a participação, no jornal "O Estado de São Paulo", para o qual escreveu artigos de cunho político, no período que precedeu a Segunda Guerra Mundial. Suas atividades jornalísticas manifestaram-se, também, como Adido de Informações da Imprensa a serviço da "Embaixada Francesa" no Rio de Janeiro, onde iniciou um serviço de Rádio Difusão em contato estreito com o escritor francês George Bernanos. Nesse período, lecionou na Universidade do Brasil, ministrando um curso sobre a Filosofia Política de Jean Jacques Rousseau.

De 1937 a 1941 foi Presidente da Aliança Francesa no Brasil.

Retornando à França, em 1946, prosseguiu como correspondente do jornal "O Estado de São Paulo" e no Serviço da "Rádio

Difusão Francesa". Por volta de 1950, entretanto, o "Serviço de Educação Nacional" exigiu-lhe que escolhesse entre a carreira de jornalista e a de professor. Decidindo-se pela última, passou a lecionar Filosofia nos liceus: Marcellin Berthelot (em St. Maur) e Janson de Sailly.

Em 1953, no cume da sua carreira, defendeu o título de Doutor de Estado em Letras e Ciências Humanas na Sorbonne, apresentando, conforme a praxe, duas teses.

Para a consecução desses trabalhos, confessa que contribuiu, decididamente, a sua experiência no Brasil.

Tendo observado a presença de traços do pensamento positivista nas primeiras reformas do ensino no Brasil, propôs-se a investigar sobre o papel atribuído à Educação no pensamento de Augusto Comte. O resultado dessa pesquisa constituiu a chamada "pequena tese", publicada em dois volumes que totaliza 734 páginas e que intitulou-se: "A Doutrina da Educação Universal na Filosofia de Augusto Comte".

A segunda tese, "O Positivismo Político e Religioso no Brasil" foi elaborada com referências brasileiras até 1891; atualmente, esse trabalho, totalmente reestruturado, foi enriquecido com documentação brasileira sobre o assunto até 1930, e deverá ser publicado brevemente.

As reflexões sobre o positivismo conferiram-lhe o reconhecimento internacional, no domínio desse tema, no qual ressaltou o valor do aspecto "subjetivo" no pensamento de Augusto Comte, cuja interpretação anterior sugeria, apenas, a presença de traços cientificistas.

Com o título de "Doutor de Estado", candidatou-se à cátedra de "Psicologia Social" na "Universidade de Rennes", especialidade que norteou todas as suas atividades subseqüentes.

Essa nova temática, aparentemente dissociada das atividades especulativas, foi gerada, lentamente, ao longo das reflexões sobre o homem no plano da ética concreta. As questões metafísicas enveredaram em direção a uma "semântica geral", que passou a incluir indagações sobre o sentido dos sinais do mundo exterior e sobre a interpretação do mundo. Era uma forma imanente de formular os problemas mais profundos, da metafísica e da religião.

Refletindo sobre o pensamento de Bergson, Frederic Rauh Kierkegaard, Jaspers e Dilthey, imprimiu à nova disciplina um modo de estudar o "homem em situação": O mundo é caótico, absurdo? cuidado para não se instalar, passiva e comodamente, na armadilha do conforto do absurdo". Faz-se necessário uma opção existencial: é possível coexistir com o absurdo? viver ou não viver?

O tratamento desses temas levou o professor Bastide ao conjunto de pesquisas que incluiu, na expressão já conhecida e empregada por Lagache, como "Psicologia Clínica". Trabalhos fundamentados nos princípios da "Dinâmica de Grupo e da Sociometria" foram realizados por uma equipe da Universidade de Rennes na qual participaram, entre outros, George Lapassade, Max Pagès e Alexander Lhotelier.

Entre os alunos bolsistas de Rennes destacaram-se alguns brasileiros atualmente professores Universitários: Oswaldo Porchat e Bento Prado, professores na UNICAMP; Arthur Gianotti, professor de filosofia na USP.

Na Universidade de Rennes, organizou um curso sobre Relações Humanas em que empregou a "Dinâmica de Grupo" e o "Método do Estudo de Caso".

Esses procedimentos foram igualmente empregados no curso de "Relações Humanas" destinado aos oficiais da escola militar "St Cyr-Coetiquidam".

Entendia-se que a formação dos militares podia ser efetuada na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. A ênfase do curso recaiu sobre o estudo do comando.

Dos conflitos decorrentes, da temática intersubjetiva tratada nas aulas, resultaram algumas evasões de oficiais, que, posteriormente, passaram a exercer atividades vinculadas às Ciências Humanas.

No período da Guerra do Vietnã, vários oficiais remanescentes de Rennes, questionaram sobre a sua permanência nas funções de comando. Essas consequências determinaram a supressão do curso de "Relações Humanas" para os militares.

Posteriormente, o prof. Bastide publicou um livro sobre o assunto: "O Método do Estudo de Caso Aplicado à Prática do Comando".

Em 1967, o Prof. Bastide ingressou na Sorbonne onde se notabilizou como primeiro Diretor da "Universidade de Ensino e de Pesquisas", — UER — no "Departamento de Ciências Humanas e Clínicas", integrado no grupo da "Universidade de Paris".

Para a sua admissão na Sorbonne, que dependeu do aval dos colegas, muito contribuiu sua experiência na Universidade de Rennes junto aos alunos bem como as referências sobre a sua atuação no Brasil. O novo "Departamento de Ciências Humanas e Clínicas" tinha um caráter vanguardista na Universidade francesa. Supunha-se que uma nova forma de interação com os alunos pode-

ria ser oportuna no momento em que, tumultuadamente, eram questionadas as bases da velha Instituição.

A reformulação da Sorbonne, em 1968, sensibilizou alguns professores inconformados com a reestruturação dos cursos e departamentos. Constatando a atitude do Prof. Bastide em relação a esses eventos, alguém comentou: "pode-se compreender a sua calma, pois esteve no Brasil, onde já presenciou tantas coisas!"

Retornou ao Brasil várias vezes — 1954 — 1965 — 1971 — 1972 — 1975 — 1979 — 1981 — 1983 e 1984 — como docente e atendendo a convites para participações especiais em congressos, bancas de teses e concursos. Intercalou nesse período, algumas viagens, entre as quais incluiu-se o Gabão, Argélia e a Universidade de Exeter na Inglaterra, locais onde ministrou cursos e seminários.

Acompanhando a sequência das atividades do Prof. Paul Arbousse-Bastide, pedimos a sua permissão para atribuir-lhe um caráter franco-brasileiro.

As sucessivas visitas ao Brasil, revelam uma curiosidade, inesgotável, sobre questões variadas, onde a compreensão do homem, numa realidade difusa e, em constante mudança, sempre lhe suscitou profícuos questionamentos.

Atualmente, já avançado em anos, e contando com notável integridade física e mental o prof. Arbousse mantém inalterada a conviência com os velhos amigos, cujo intercâmbio vem sendo marcado pela troca de informações e por intensa afetividade.

Atento às mudanças que se operaram no Brasil ao longo desses anos, tem se revelado em vários domínios, como um cientista social arguto e profundo. É o que atestam suas observações, sobretudo no que se refere à condição humana que sofre os efeitos da alteração de fatores culturais e sócio-políticos.

A presença do Prof. Paul Arbousse-Bastide na história da Universidade de São Paulo, constitui um marco decisivo, inscrito na formação de todos nós que pudemos usufruir da sua companhia, seja nas atividades acadêmicas, seja no plano pessoal.

Todos os colóquios com a sua pessoa expressam, inequivocamente, uma ampla dimensão da vida universitária onde a idéia de "universalidade" inclui, necessariamente, uma volta e um questionamento, em profundidade, sobre as origens e os eventos culturais que caracterizam a evolução do homem na sociedade ocidental. Ainda que atento às transformações imediatas da sociedade, nunca perdeu de vista, nas suas considerações, um plano de análise que adquire sentido no contexto da história das idéias.

Despojado de pretensões intelectualistas, interage com o outro, no cotidiano, de modo a percebê-lo como pessoa e compreendê-lo na sua totalidade. Sempre disponível e aberto ao questionamento do outro, facilita a comunicação espontânea e autêntica da qual, não raro, emerge a discussão sobre temas fundamentais referentes à natureza humana.

Esse último aspecto consubstancia, essencialmente, o tom de congruência da sua personalidade, na tríade que abarca os âmbitos acadêmico-docente e pessoal.

Reconheço o privilégio e a honra de ser porta-voz desta saudação ao Prof. Paul Arbousse-Bastide em nome da Faculdade de Educação e da Universidade de São Paulo por ocasião dessa homenagem.

A todos os que partilham desse evento, peço excusas pelas limitações do meu depoimento.

Querido Bastidão, esperamos contar com a sua compreensão e a continuidade da sua presença, nesta instituição, para reanimar, continuamente, as aventuras do espírito; estas são as únicas capazes de fazer renascer, a cada dia, a esperança da atualização das idéias que nortearam a fundação da Universidade de São Paulo, cuja história se confunde com a história pessoal de cada um de nós.

Muito Obrigada!

São Paulo, 13 de setembro de 1984.